

Self, identidade, redes sociais: definições e relações entre a psicologia social e a comunicação em tempos de redes sociotécnicas¹

Paulo Victor Sousa²
Vitor Braga³

Resumo

O presente artigo busca realizar uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de identidade e *self* compreendidos na contemporaneidade, discutindo-os a partir da perspectiva das redes sociotécnicas estabelecidas em ambientes eletrônicos. Em seguida, problematizamos características gerais dessas redes que criariam dificuldades epistemológicas em torno da compreensão do *eu* e de suas representações, especialmente tendo em vista a ampliação dos espaços identitários e a *durée* das interações nelas estabelecidas. Nossa discussão é teórica, buscando fomentar uma base conceitual para pesquisas empíricas futuras.

Palavras-chave: *self*, identidade, subjetividade, redes sociais.

1. Introdução

Em que consiste dizer “quem sou”? Que parâmetros e categorias utilizar para pensar a identidade das pessoas em ambientes *online*? No tocante aos primórdios das ambiências digitais, as querelas em torno da identidade pareciam razoavelmente bem resolvidas quando se tomava a construção de *personas* em mundos eletrônicos como re(a)presentações de um verdadeiro “eu” – este situado de modo originalmente *offline*. Os anos 1990 testemunharam visões que separavam nossas atuações “reais” daquelas mediadas eletronicamente, estabelecendo estas últimas num patamar de falsidade oposto à realidade e correlato à virtualidade. Foi um momento, segundo Wellman (2011), em se tratando de primeiras

¹Artigo apresentado no Eixo 8 – Imaginário Tecnológico e Subjetividade do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

²Doutorando no Programa em Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias Digitais e Sociedade – GITS e do Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço – Lab404. Bolsista Capes. Email: pvbsousa@gmail.com

³Professor da Universidade Federal de Sergipe e Doutorando em Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias Digitais e Sociedade – GITS. Bolsista da Capes. Email: vitorbragamg@gmail.com

pesquisas em internet, de especialistas genéricos⁴, de pouca pesquisa empírica, de visões utópicas com pouca base histórica e marcada por grandes dualidades – a exemplo da querela *real vs virtual*.

Hoje, porém, já encontramos uma situação em parte diferente daquela, com algumas fronteiras já não tão claras – o que se reflete nas práticas de sociabilidade e de construção de identidade hoje testemunháveis. É notório, assim, que já apresentemos um cenário amplamente divergente daquele inicial, a ponto mesmo de algumas pessoas terem a sensação de poder expressar melhor seu “*self real*” em ambientes *online* do que de outras maneiras (BAYM, 2010). De toda forma, o modo de encarar tais questões parecia encontrar pelo menos um ponto pacífico ao se considerar a tomada de referenciais identitários diversos – como fotos ou formulários para gostos, *hobbies* e origens étnicas. Com efeito, como apontado por Baym (2010), encontramos certa padronização desses referenciais em *sites* de redes sociais, que até podem variar em alguma medida, mas que apresentam em ampla interseção as mesmas lacunas a serem preenchidas. Se assim consideramos como tal, somos o que somos por meio da disposição das nossas informações, o que, em termos hiperbólicos, equivaleria dizer que nossas identidades, pelo menos aquelas vislumbradas em ambientes *online*, não são outra coisa senão bancos de dados que podem ser manipulados, mobilizados, transportados e mesmo vendidos.

Enquanto se considera o perfil de um indivíduo numa rede x de indivíduos como simplesmente uma representação de quem ele é, ou mesmo enquanto um produto transformado em dados e mercantilizável, a questão parece não trazer grandes implicações em termos subjetivos – uma vez que tal consideração ainda coloca um *self online* apartado de um *offline*. Aquele perfil visualizado não é, por assim dizer, seu verdadeiro eu, ou sua verdadeira identidade, segundo esse modo de perceber a questão. Contudo, quando passamos por fases em que tal norte dualístico entra em desgaste – que Wellman (2011) trata por “segunda era” dos estudos em internet – passamos, igualmente, a lidar com elementos de identificação com formatos mais “reais”, imbricados numa malha de sujeitos factuais: “Esses estudos mais recentes dinamitam qualquer distinção radical entre real e virtual: correlativamente, nem as

⁴O termo ao qual Barry Wellman se refere originalmente é *punditry*. Embora “pundit” aluda a um significado de especialista, a maneira colocada pelo autor é no sentido de mostrar pouco saber empírico e embasado e muito “achismo” em conferências. Efetivamente, Wellman aparta tais profissionais da categoria “scholar”, a qual, de fato, possui um significado acadêmico pautado na pesquisa empírica.

melhores ou piores possibilidades dos especialistas pioneiros [nos estudos em internet] foram realizadas⁵ (2011, p. 12)”.

Ao propormos esse artigo, estamos preocupados especialmente com as principais considerações sobre as distinções em termos de indivíduo atuante em redes sociais. E quando se estabelece um referencial de pessoas interligadas por laços técnicos, há pelo menos dois conceitos que vêm à baila: a identidade e o *self*. A partir dessa premissa, o presente artigo busca realizar uma revisão bibliográfica a esse respeito e esclarecer alguns pontos quanto ao que se compreendem sobre os dois termos, pondo-os diante de perspectivas relacionais e interacionais. Também buscamos colocar em tensão dois aspectos que nos parecem cruciais na compreensão do contexto atual: a ampliação dos espaços de construção de referenciais identitários, compreendido a partir de uma extensão sígnica para os indivíduos dispostos em rede, e a *durée* das relações que os mesmos estabelecem, tendo em vista um tempo de atuação e interação simbólica que, a princípio, nunca se finda. Por meio de uma discussão de caráter teórico e pautando dificuldades epistemológicas, buscaremos esclarecer de que representações do *eu* podemos falar na conjuntura atual da cibercultura tendo em vista a ampla dominância de redes sociais nos ambientes eletrônicos.

2. Identidade e *self* – algumas definições

Ao falarmos de indivíduos e suas identidades em ambientes digitais, é notório que as principais pesquisas recaiam sobre os modos de apresentação e interação e os efeitos que as mediações eletrônicas podem apresentar. Não é à toa: o *self* enquanto tal é uma espécie de objetificação do eu, uma compreensão exteriorizada que conseguimos ter de nós mesmos. Ao se transformar em objeto cognoscível, o indivíduo coloca-se, assim, em experiência relacional para com seus semelhantes, ou para com as considerações gerais que seus grupos de pertencimento tenham sobre ele acerca das condutas que dele se espera. Nessa perspectiva especular, o *self* seria como uma imagem social, refletida por outros. Em outras palavras, sua existência não se dá por si só, mas é sempre, ainda que centrada no eu, uma experiência correlacional. Assim, num certo paroxismo, teríamos “tantos *selves* quanto existam outras

⁵Tradução nossa para “these more recent studies indermine any sharp diremption between real and virtual: correlatively, neither the best nor worst possibilities of the early pundits have been realized”.

peças que nos enxerguem de maneiras particulares”⁶ (HOLSTEIN, GUBRIUM, 2003, p. 120).

A partir da perspectiva da psicologia social, *self*⁷ e identidade são conceitos usados para prover bases à compreensão da nossa própria existência – um modo, pois, de definir objetivamente visões de mundo que, de outro modo, partiriam sempre de uma perspectiva pessoal (HOLSTEIN, GUBRIUM, 2003). Enquanto conceito objetificado, o *self* é resultado de um processo de autorreflexão, remetendo tanto ao sujeito como à sua relação com o mundo exterior: “ao observar a própria reflexividade a partir do ponto de vista de outros, o indivíduo se torna um objeto significativo para ele mesmo”⁸ (SIMON, 2004, p. 21). Tal reflexividade nos põe em condições de nos pensarmos, de maneira exteriorizada, como “objetos” “apreendidos mas também rotulados, categorizados, avaliados e manipulados”⁹ (OWENS, 2006, p. 207). O sujeito só pode ver-se, portanto, como uma entidade própria, ímpar, singular, se se desassocia de si mesmo e se enxerga como esse objeto.

Apesar de funções e usos similares – como falar do “eu mesmo” (*myself*) e da própria identidade (no sentido de discorrer sobre si e seus elementos identificadores) – os dois termos possuem diferenças entre si – e uma inicial seria a ideia de que a identidade de alguém, para além desse processo de reflexão, apresenta-se como um meio para a comunicação desse *self* em direção a um mundo exterior. É como uma porta, uma janela, um vaso comunicante de expressão *através* do qual o indivíduo pode encontrar-se, situar-se e estabelecer suas posições frente à(s) coletividade(s) em que se insere.

A identidade, dessa maneira, é uma especificidade relacionada aos outros mas, ainda assim, distintiva quanto a eles, situando o *eu* numa posição de singularidade. A disposição de equidade, segundo Owens (2006), possui aspecto de reiteração – uma repetição do sentido daquela categoria – cujas bases etimológicas remetem às palavras em latim *idem* (o mesmo que, igual a) e *identidem* (de novo, repetidamente). E, nessa dupla disposição, é tanto um

⁶Tradução nossa para “we have as many selves as there are others who view us in particular ways”.

⁷Não iremos fazer traduções para as palavras “self” ou “selves” dada a utilização massiva dessas formas em língua portuguesa. Utilizaremos, contudo, o grifo para denotar sua origem estrangeira. Ocasionalmente, expressões como *selfhood* ou *self-presentation* terão suas adaptações, sempre com devidos indicativos de tradução.

⁸Tradução nossa para “By viewing herself reflexivity from the standpoint of others, the individual becomes a meaningful object to herself”.

⁹Tradução nossa para “apprehended, but also labeled, categorized, evaluated, and manipulated”.

elemento diferenciador (no sentido de alguém não ser o mesmo que outra pessoa) quanto aglutinador (colocando aquele indivíduo, único, numa situação de paridade ou categorização): como nos diz Martino, as falas de identidade “também são discursos de diferença” (2010, p. 37).

Vale ressaltar que, em outros tempos, nosso lugar na sociedade era determinado de distintos modos, e o caminho para ser alguém específico nem sempre foi exatamente algo pacífico e acolhedor – isso quando esse caminho era de existência possível e se o *ser* em questão pudesse ser resultado de um processo, e não algo dado. Desigualdades nos direitos políticos e econômicos, por exemplo, punham-se como o fundamento de sociedades escravocratas e, no seio dessa desigualdade, reinava a própria ideia sobre o que se podia considerar enquanto pessoa (MARTINO, 2010).

Na contemporaneidade, as questões sobre a identidade ganham traços indefinidos – inclusive para além das querelas anexas às ambiências eletrônicas – na medida em que dizer “quem sou eu” hoje se impõe como algo complicado: “as fontes de nossas identidades não mais são estáveis e seguras” (BURKIT, 2009, p. 162)¹⁰. Não se trata exatamente de decorrências técnicas diretas do modo como nos dispomos e interagimos atualmente, mas por fundamentos mais amplos que já não encontram a mesma estabilidade de antes: trabalhos, relações comunitárias, vizinhanças, laços familiares etc., todos esses pontos de referência já não se encontram tão fixos como outrora. Em um contexto dotado de redes de relações e de comunicação, valores diferentes desafiam-se mutuamente e explicações diversas sobre as visões de mundo criticam-se umas às outras. Dessa forma, diante de toda essa complexidade, fica difícil aceitar que teríamos referenciais singulares e estáticos ou um único sistema de valores sobre o qual poderíamos depositar nosso senso de identidade. Para autores como Gergen (1991), isso significa a morte de uma demanda por racionalidade em relação ao *self*. Qualquer ideia de continuidade e coerência do *self* desaparece no fluxo de fragmentação social:

Nós, portanto, apenas aparecemos para outros como identidades unificadas e totalizadas, quando, sob a superfície da aparência, não passamos de uma coletânea de vozes, demandas, intenções e possibilidades [...] As pessoas não podem mais tomar como dado que elas possuem uma identidade – uma que seja dada pela circunstância da família, da comunidade ou da classe social: ao invés

¹⁰Tradução nossa para “the sources of our identities are no longer stable and secure”.

de disso, tendo em vista configurações passageiras, sempre transformadoras, a identidade é algo que é continuamente *realizada* no local, *in situ*¹¹ (Burkit, 2009, p. 165, grifos no original).

3. Os referenciais identitários no espaço e no tempo

Em sua proposta teórica, Giddens (2009) procurou ressaltar a necessidade em considerar como a teoria social deve enfrentar as situações sociais ocorridas na interlocução entre os atores no tempo e no espaço, considerando uma relação entre agência e estrutura. Nessa perspectiva, Giddens (2009) estaria preocupado em como situações poderiam reverberar em uma ação rotineira, que necessitaria de uma frequência daqueles engajados nas situações de modo a se criar pequenos ajuntamentos baseados em interesses compartilhados.

A conduta da vida cotidiana de um indivíduo acarreta que ele se associe com conjuntos de entidades procedentes de cenários de interação. Essas entidades são: outros agentes, objetos indivisíveis, materiais divisíveis e domínios. Domínios referem-se à regionalização do tempo-espaço: o movimento de trajetórias de vida através dos cenários de interação que tem várias formas de demarcação espacial. Os mecanismos como os encontros são formados e reformados na *durée* da existência diária são relevantes para a compreensão da integração social.

Giddens (2009) assim sustenta seu argumento baseado na concepção de tempo-geografia, proposta por Hagerstrand (1978), a qual diz respeito às restrições que dão forma às rotinas da vida cotidiana e compartilha com a teoria da estruturação uma ênfase sobre a importância do caráter prático das atividades diárias, em circunstâncias de co-presença física, para a constituição da conduta social.

Giddens estaria se baseando numa perspectiva dramatúrgica para a compreensão dessas ocasiões¹² como mecanismos que estariam formatando as situações sociais, num

¹¹Tradução nossa para “We therefore only appear to others as unified and whole identities, when just under the surface of appearance we are a fragmented and diverse assemblage of voices, demands, intentions and possibilities [...] People can no longer take for granted that they have an identity, one that is given by the social circumstance of family, community or social class: rather, in fleeting, ever-changing social configurations, identity is something that is continually *made* on the spot, *in situ*”.

¹²Buscando sistematizar os relacionamentos em ambientes de co-presença física, Giddens distingue situações e ocasiões sociais. Para o autor, situações seriam o conjunto de ocasiões sociais que, a partir de uma rotinização – da existência de uma frequência em que indivíduos se encontram e criam ocasiões – são formatadas as situações. Uma reunião seria uma situação caso ocorra toda semana, e uma ocasião seriam os pequenos encontros que ocorrem semanalmente no ato de se reunir com as pessoas.

sentido mais amplo. O sentido de *durée* implicaria, obviamente, uma *duração*. Estaríamos então falando de ocasiões nas quais deveriam ocorrer aberturas e fechamentos, ainda que constantemente permaneça algo residual; ou seja, embora cada ocasião deva ter naturalmente alguma conclusão – que pode ocorrer por vários fatores como o horário de término de uma reunião, por exemplo – as ações travadas numa ocasião permanecem, de modo que uma nova ocasião poderá receber o enquadramento das anteriores. Sendo os encontros fenômenos sequenciados na serialidade da vida cotidiana, Giddens (2009) aponta duas principais características das propriedades sistemáticas dos encontros: abertura e fechamento. Os encontros face a face implicariam diferentes processos de fechamento e abertura para que a interação seja desenvolvida pelos agentes e exigiriam a monitoração reflexiva do corpo, do gesto e do posicionamento em diferentes graus de acordo com a complexidade dos encontros.

Giddens ainda propõe uma ênfase no tempo reversível. Hagerstrand (1978) retrata habitualmente as trajetórias tempo-espço como tendo um movimento “linear” ao longo do dia. Mas uma representação mais apurada do caráter repetitivo da vida social cotidiana será fornecida se for considerado que a maioria dos trajetos de espaço-tempo diários envolve um “retorno”. Os tipos de atividades mais rotinizados podem ser representados como um perfil de trajetos espaços-temporais inseridos em um tempo reversível (rotinizado). Os agentes, portanto, movimentar-se-iam em contextos físicos, ao passo que interagiriam uns com os outros. Interações de indivíduos movendo-se no tempo-espço comporiam “feixes” que se reuniriam em “estações” ou localizações espaço-temporais definidas, dentro de regiões circunscritas.

No tempo-geografia aqui assinalado, alguns pontos caracterizariam as condições de co-presença física: (1) a indivisibilidade do corpo humano; (2) a finitude da duração da vida do ser humano, como um “ser para a morte”; (3) a capacidade limitada dos seres humanos de participar em mais de uma tarefa simultaneamente; (4) O movimento no espaço é também no tempo; e (5) a limitada “capacidade de acondicionamento” do tempo-espço (HAGERSTRAND, 1978). Podemos perceber, nessa concepção, uma concentração nas propriedades restritivas do corpo, em seu movimento através do tempo-espço. Portanto, nossos deslocamentos pelo espaço também irão requerer um movimento no tempo; dessa forma, enquanto não podemos estar situados em dois ambientes, a temporalidade das ações é uma variável também essencial: nossas ações são duráveis a partir do momento em que nos

fazemos presentes. Afora nossa presença, o indivíduo ficará representado a partir da impressão gerenciada através das expressões emitidas e transmitidas (GOFFMAN, 1999), que também passarão por um enquadramento individual de cada um, sob a influência ou não de outros atores sociais.

É importante observar que os cinco pontos supracitados passam por reconfigurações ao analisarmos a *durée* das ações em ambientes dos sites de redes sociais. Isto porque é importante considerarmos o não fechamento dessas ações dos indivíduos nas ocasiões sociais. Ora, se compreendermos a disposição de informações do perfil de um usuário, ou um *post* no qual ele disponibiliza a sua rede social, estaríamos nos deparando com uma ocasião que não obedece a um limite de fechamento pré-determinado por uma barreira espacial: a saída dos atores envolvidos em uma ocasião.

Nas *performances* adotadas nessas redes, os indivíduos formam uma espécie de vitrine disponível em tempo integral. A identidade representada por eles se faz ver a partir de estratégias de negociação de sua impressão, na qual em certos momentos dispõem de traços de si com finalidades diversas, e que obedecem uma duração maior do que as ações realizadas em um contexto de co-presença física, no qual dependa de uma sincronicidade. Nos dizeres de Donath (2007), a identidade em *sites* de redes sociais são atuadas a partir de pistas relativas às posições sociais, as quais se remetem à situação de historicidade construída acima descrita. E para além de uma perenidade, tal configuração sociotécnica traz à tona aqueles aspectos que não só os fazem únicos (precisamente suas identidades) como também os possam retratar da maneira mais eficaz possível – e tal eficácia não necessariamente se coloca em relação à representação fiel, mas também em termos de uma busca de modos de representação. É nesse contexto complicado que a ideia de identidade e sua aliança com o *self* escorregam ainda mais.

Se não teríamos mais um corpo indivisível, incapaz de dar conta de mais de uma ação simultânea, como pressupunha Hagerstrand (1978), teríamos então a possibilidade de formatação de referenciais identitários deslocados de uma fronteira delimitada das ações em co-presença física. Essa identidade agora obedece a um modo de formatação na qual depende de uma ambiência *online*, se expressando e criando impressões nos indivíduos de maneira múltipla e ao mesmo tempo assíncrona; mas precisará de ações de uma linearidade inerente ao

ambiente *offline* para poder se expressar com os indivíduos no ato de se conectar e estabelecer relações interpessoais.

Ainda que problemática, autores como Jensen (2011) consideram que tal fase de divisões entre práticas e espaços determinados – ou mundos *online* e *offline* – foi de certa forma um passo necessário para o desenvolvimento das pesquisas nesse âmbito – mesmo que também tenha sido contraproducente ao realizar as separações observadas e ao não dar abertura à percepção de processos de convergência midiática e de plataformas distintas. Embora possamos compreender, como aponta Nancy Baym (2010), que os meios digitais dão continuidade a rupturas em termos temporais e espaciais iniciadas com a eletricidade, é notável que os meios de comunicação mais antigos raramente morrem e que, assim, mantemos nossos pontos de referência para as formas mais recentes de comunicação e interação (JENSEN, 2011). Bolter e Grusin (2000) inclusive já defendiam, há mais de uma década, aquilo que viriam a chamar como um movimento de remediação: uma lógica formal pela qual os novos meios de comunicação estariam renovando as formas dos meios anteriores. Dessa forma, não alterariam seu estatuto, mas sua maneira de trabalhar os sentidos envolvidos nas representações mediadas.

Considerando a identidade nessa ambiência digital, a linearidade inerente a uma *durée* se faz múltipla, pois sua lógica de formatação através de postagens requer que o indivíduo se posicione para uma rede social que permite a ele dar *feedbacks* a partir de diferentes temporalidades de acesso, apreciação e resposta. Nesse processo, é possível perceber como as identidades seriam componentes designadores de posições, papéis e estruturas relacionais, embora estejam sendo formatadas à medida que as pessoas estariam engajadas em relações umas com as outras (Owens, 2006).

Nessa lógica da multiplicidade, um conceito cabível para a compreensão é o de *selves* saturados, de Kenneth Gergen (1991), quando, ao analisar à época os novos cenários em que o *self* estaria em desenvolvimento, se referiu à existência de “tecnologias de saturação social”. Tal situação excessiva diz respeito à explosão de tecnologias de comunicação, não apenas as mais recentes, como a internet e aquelas ferramentas que em seu seio surgiram. No sentido tomado por ele, não se trata apenas de considerar a novidade tecnológica em si – que nem sempre representam novidades substanciais, mas mais superficiais ou formais, e estão amplamente baseadas em aspectos e funcionalidades já incorporados aos nossos hábitos.

Trata-se, sim, de observar a variedade de meios ao nosso redor, e seu ponto principal se daria quanto ao fato de nos darem a possibilidade de relações e comunicações em distintas maneiras como não presenciávamos em outros tempos: “as tecnologias de saturação social permitem agora que as pessoas se relacionem numa variedade de diferentes e divergentes modos como elas nunca puderam fazer no passado” (BURKIT, 2008, p. 163) ¹³.

Reside aí uma questão que vai além da mera auto-representação, da gestão da imagem apresentada e das decorrências das interpretações realizadas por outros. Gergen está preocupado com a variabilidade de representações e saberes e como tal leque gigantesco nos oferece outras vozes e pensamentos. Em vez de observar com bons olhos a diversidade de vozes que nesse âmbito podem surgir, Gergen acaba assumindo uma visão um tanto quanto crítica e negativista, como se cada um de nós “contaminássemos” nossos *selves* com os *selves* dos demais. O resultado disso seria um *self* saturado de imagens diversas, como colagens, ao invés de um identificador coerente. Ser mais de um e atuar relacionalmente aos contextos e situações específicos parece ser um problema:

À medida que a saturação social tem prosseguimento, tornamo-nos pastiches, montagens imitativas de outros. Não somos um, ou poucos, mas assim como Walt Whitman, “contemos multitudes”. Parecemos uns com os outros como identidades singulares, unificadas por um tecido inteiro. De qualquer forma, com a saturação social, cada um de nós se tornou um abrigo para uma vasta população de potenciais escondidos¹⁴ (GERGEN, 1991, p. 71).

Gergen possui uma abordagem pessimista quanto à multiplicidade de apresentações/identificações que podem “aportar” num único indivíduo, em virtude dessa linearidade múltipla que aqui falamos da *durée* das ações nas ambiências digitais. Embora, à primeira vista, sua perspectiva esteja de acordo com pensadores como Maffesoli (2006), especialmente quando este considera a construção de *personas* diante de contextos variados e um declínio da lógica individualista pautada na identidade fechada, é notável a brusca diferença na maneira de tratar tal questão. Nesse sentido, Gergen chega a cunhar o termo

¹³Tradução nossa para “The technologies of social saturation now make it possible for people to relate a variety of different and divergent others in ways they could never do in the past”.

¹⁴Tradução nossa para “as social saturation proceeds we become pastiches, imitative assemblages of each other [...] We are not one, or a few, but like Wal Whitman, we 'contain multitudes'. We appear to each other as single identities, unified of whole cloth. However, with social saturation each of us comes to harbour a vast population of hidden potentials”.

“multifrênico” para se referir às situações “esquizofrênicas” com as quais nos deparamos no dia a dia – mas adota, vale ressaltar, um ponto de vista não alinhado a uma questão clínica. Não se trataria, assim, de pensar em múltiplos *selves* por uma abordagem patológica, mas considerar tal situação muito mais como um estilo de vida contemporâneo.

Aquilo que poderia, à primeira vista, parecer um ampliador das situações sociais – que não obedeceriam mais a uma linearidade dada pelo tempo das ocasiões e altera o modo como ocorreriam os fechamentos das ações – reforçaria uma saturação do *self* e uma dificuldade em seguir essas múltiplas durações das ocasiões. Situado em diversas plataformas, interagindo com redes díspares ou que se misturam, as fronteiras criadas pela *durée* das ações se apresentariam agora de forma mais borrada, justamente pela dificuldade em se ditar o momento em que é possível ter uma pausa e uma nova abertura. Interagindo nos sites de redes sociais, os usuários obedecem a temporalidades diferentes, baseadas nos horários de acesso de sua rede social e em situações que são criadas em outros espaços que podem influenciar uma interação assíncrona.

4. Considerações Finais

As preocupações iniciais deste artigo se situam em relação aos modos de nos dizermos indivíduos que encontramos na contemporaneidade, especificamente no que diz respeito às ambiências digitais com as quais lidamos cada vez mais rotineira e pervasivamente. Tendo em vista as distinções dinamitadas entre realidade e virtualidade e as dificuldades epistemológicas relacionadas ao *self* e à noção de identidade, nosso objetivo inicial foi o de formatar uma fundamentação teórica de modo a propiciar uma compreensão básica sobre o que podemos falar em termos de formatação identitária de indivíduos em rede. Para estudos futuros, parece-nos bastante frutífero realizar abordagens que mapeiem os elementos de significação do *self* e que sirvam para a tomada de referenciais identitários, tendo por base a premissa de que cada ambiente possui suas próprias particularidades, tanto na formatação geral quanto no funcionamento. Para este trabalho, contudo, limitamo-nos a destacar as considerações de ordem teórica em torno da identidade e das formas de auto-apresentação problematizáveis em torno dessas ambiências.

Em nosso breve percurso, visualizamos que o conceito de identidade se diferencia do de *self* por ser tomado como um meio de expressão deste último: enquanto o *self* é uma

reflexão e uma constatação da própria existência, a identidade atua de modo a conciliar e estabelecer semelhanças e distinções com outras pessoas. O modo como atuamos e traçamos relações com o mundo exterior se dá por meio de interações baseadas em considerações de ordem simbólica: o que fazemos ou deixamos de fazer, assim como o *quando* e o *onde* dessas ações, possuem significados que entram em circulação diante das redes que constituímos.

Vimos que uma das problematizações em torno das interações é a duração delas: ou seja, como e quando são encerradas, de modo tal que os interagentes possam ter um domínio coerente de que (ainda) estão tratando (ou não mais) de determinado tópico. Com temporalidades distintas, as fronteiras e *durées* das situações interacionais se encontram borradas. Assim, uma das dificuldades em relação às redes sociotécnicas contemporâneas diz respeito às indefinições sobre o que se pode considerar uma situação determinada. Estudos recentes apontam que postagens feitas no *Facebook*, por exemplo, possuem projeção de, no máximo 12 horas¹⁵. Ainda que possa parecer pouco – tendo em vista especialmente o fluxo absurdo de mensagens dispostas nessa rede específica e a forma diferenciada como cada usuário as visualiza – seria o suficiente para a possibilidade de interações dispersas (como um comentário já relativamente deslocado no tempo e já sem grandes implicações em relação ao que ali se diz). Ainda nessa equação, é necessário levar em conta as pistas utilizadas para o devido funcionamento da conversação, as quais igualmente podem ser checadas com o mesmo deslocamento temporal de comentários variados.

Redes sociotécnicas, compreendidas do modo como foi definido por boyd e Ellison (2007), também desafiam as já não tão simples relações identitárias por meio da ampliação dos espaços de representação. Quando distintas redes estabelecem laços tecnicamente cooperativos (vide, por exemplo, o sistema de *login* do Facebook sendo utilizado para autenticação em serviços diversos), presenciamos uma complexificação desses espaços: um mesmo indivíduo passa a ter sua identidade posta em redes sobre as quais pode não ter tanto controle, e de cujos membros já não pode estar assim tão certo (como acompanhar a suposta formatação de comunidades em ambientes distintos?). Assim, quais as atuações e encaminhamentos identitários ele irá utilizar? A resolução dessa contenda parece residir precisamente nos modos de apresentação a depender do contexto. Mas em que contexto

¹⁵Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/08/vida-de-um-post-no-facebook-dura-12-horas-diz-estudo.html>>. Acesso em 09/09/2013.

determinado usuário se encontra de fato? Podemos dizer que ele se encontra – com a mesma identidade – em mais de um ao mesmo tempo?

Diante de situações como essas aventadas, perceber a duração das interações é certamente um processo complicado, já que nem sempre aberturas ou fechamentos de situações se dão de formas devidamente claras. Em termos gerais, a dificuldade epistemológica diz respeito, inicialmente, ao modo como os indivíduos dialogam e interagem entre si. Mas no tocante à manutenção de definições identitárias, a questão entra no domínio da contradição: determinadas ações, dizeres ou pistas passadas podem vir à tona, em distintos momentos, a caminho de choque com aquilo que está sendo tomado no presente. Ainda nesse ponto, temos certa mudança de foco do monitoramento reflexivo: se para Giddens (2009) ele se situa em relação à materialidade do nosso corpo e ao modo como iniciamos e encerramos um encontro, agora nossa atenção parece estar voltada para nossas mensagens e pistas interacionais e aos rastros que elas produzem e deixam em nossos perfis nas diversas redes das quais fazemos parte – precisamente a historicidade forjada da qual fala Donath (2007). Ademais, de certa forma podemos falar agora de corpos divisíveis, na medida em que podemos situarmo-nos em distintas situações interacionais com pessoas e grupos diferentes/divergentes. Do ponto de vista da *durée*, o contexto igualmente ganha traços complexos à medida que nossas *performances* em rede deixam de apresentar um fechamento ou finalização facilmente verificável. Nossas identidades não só se espalham para além de territórios escorregadios como também por traços temporais indeterminados. Como aplacar a perenidade do que dispomos em nossos perfis? Como administrar um tempo que até se esgota, mas é sempre recuperável?

Se, como nos fala Baym (2010), a identidade atua como ferramenta para apresentação contextual do *self*, se a construção da auto-apresentação se dá por meio da tomada de elementos que sirvam como pista para aquilo que somos (ou o que imaginamos sermos), então são os modos de apresentação é que deveriam ganhar nosso foco. Ainda que por um lado o hiato entre corpo e *self* esteja cada vez maior – vide a identidade descorporificada de Baym (2010) e as possibilidades de “mentira” que tal descorporificação traz consigo – parece insensato, na mesma medida, que possamos falar de uma única manifestação de *self* ou de identidade em termos de um indivíduo só – vejamos as formas de auto-apresentação problematizadas por Goffman (1999) que, em tempos distantes das conexões telemáticas hoje

presenciadas, já compreendia que, ao longo de nossas vidas, representamos papéis circunstanciais e, muitas vezes, coexistentes – e, como já dito, ele não se referia a nada parecido com as ambiências eletrônicas hoje concebidas, mas somente situações físicas imediatas. Independente da mediação ou não, o modo como nos dispomos em nossas situações rotineiras não pode, para ele, ser compreendida por meio de uma unidade identitária básica. De qualquer forma, tendo em vista as dificuldades aqui apresentadas, ao menos uma questão de escopo maior emerge desse contexto todo: se somos o que somos justamente por um processo de auto-reflexão (*self*) e nos colocamos relacionalmente por meio da comunicação (identidade), o que somos afinal em ambientes eletrônicos tendo em vista a multiplicidade de situações que podemos estabelecer e, potencialmente, sequer fechar?

Referências bibliográficas

- BAYM, Nancy K. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge, Malden: Polity Press, 2010.
- BOLTER, Jay; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge (MA): MIT Press, 2000.
- BOYD, danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 11, 2007.
- BURKITT, Ian. **Social Selves: Theories Of Self And Society**. California: SAGE Publications, 2008.
- CONSALVO, Mia; ESS, Charles. **The Handbook of Internet Studies**. Blackwell Publishing, 2011.
- DONATH, Judith. Signals in social supernets. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13 (1), 2007.
- GERGEN, Kenneth. **The Saturated Self: Dilemmas of Identity in Contemporary Life**. New York: Basic Books, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HAGERSTRAND, Torsten. Survival and arena: On the life history of individuals in relation to their geographical environment. In: CARLSTEIN, T. (org.) **Making Sense of Time**. Londres: Arnold, 1978.
- HOLSTEIN, James.; GUBRIUM, Jaber. **Inner lives and social worlds**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

JENSEN, Klaus B. New Media, Old Methods – **Internet Methodologies and the Online/Offline Divide**. In CONSALVO, ESS, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 4a ed. 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & Identidade**. Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

OWENS, Timothy. **Self and Identity**. In Delamater, John. (Ed.) Handbook of Social Psychology. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, pp.205-232, 2006.

SIMON, Bernd. **Identity in Modern Society**. A social psychological perspective. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, p. 20-42, 2004.

WELLMAN, Berry. **Studying the Internet Through the Ages**. In CONSALVO, ESS, 2011.